

Ilhas de vozes em reencontros compartilhados

Holden Massachusetts, Universalialia MMXXI, Quod Manet 2021, 515 p.

SILVIE ŠPÁNKOVÁ [8346@muni.cz]

Masarykova univerzita, República Checa

[HTTPS://DOI.ORG/10.5817/ERB2021-2-23](https://doi.org/10.5817/ERB2021-2-23)

A coletânea de ensaios *Ilhas de vozes em reencontros compartilhados* (Universalialia MMXXI, Quod Manet, Holden Massachusetts, 2021, 515 p.), organizada por Susana L.M. Antunes, coordenadora editorial, foi concebida e realizada em pleno tempo de pandemia, em condições de confinamento. O tópico da ilha adquire, deste modo, um valor adicional. Um grupo de pesquisadores transformou-se num imaginário arquipélago, em que as diversas vozes autorais – agora em forma de ilhas – entraram em diálogo produtivo de reflexão sobre vários assuntos relacionados com um dos *topoi* mais consagrados na história da literatura e do pensamento. A ilha é, de facto, elemento fundamental nas estruturas míticas que, de acordo com Luci Ruas, “faz parte de nosso imaginário talvez como arquétipo, imerso no inconsciente coletivo da humanidade” (2021: 32).¹ Consagrada aos estudos do tópico da ilha, a presente obra constitui um marco significativo na área da literatura comparada, sendo também uma importante contribuição para os estudos interdisciplinares. Visando este objetivo, os ensaios que compõem o volume abrangem um vasto espectro de assuntos desde as cartografias literárias insulares até aos aspetos sociológicos e ontológico-axiológicos.

O livro de ensaios está dividido em duas partes intituladas “Vozes de mistério” e “Vozes de resistência”, sendo ambas introduzidas, respetivamente, por um texto poético, de Margara Russotto (“Antífona de las islas los bosques y los mares”) e de Vera

Duarte (“Ilhadamente amado amor”). Estas vozes poéticas são também as míticas sereias que, não tendo nada de perdição, possuem o condão de atrair os leitores às profundidades do imaginário insular, a uma leitura de imersão, estimulante e catártica. Neste sentido, convém igualmente realçar a elaboração gráfica do livro, com a imagem de capa que representa o mar com uma ilha ao longe. Trata-se, portanto, de uma visualização de motivos que convidam a uma viagem às ilhas reais ou imaginárias. A bipolaridade do imaginário insular, percebido como a encarnação de sonhos e, simultaneamente, de medos ancestrais, corresponde à estrutura dual do livro, permitindo, assim, apreender as características essenciais do *topos* em apreço, a sua face misteriosa, aventureira e paradisíaca (a ilha como refúgio) e o seu reverso distópico (a ilha como prisão).

A estrutura engenhosamente concebida e cuidada do livro espelha-se ainda no início e fim, nos ensaios que abrem a fecham o volume e que, pelas suas afinidades, sublinham a ideia de circularidade associada ao desenho da ilha. Estas portas de entrada e de saída correspondem aos ensaios-testemunho de Onésimo Teotónio de Almeida (“Ilha – que mistério é esse?”) e de J. Chrys Chrystello (“Um arquipélago prenhe de vozes. Sem ilhas não há vozes”), versando os dois textos sobre a experiência pessoal dos autores em relação ao espaço dos Açores. No primeiro ensaio reflete-se a identidade de autor enquanto um ilhéu, no segundo, o autor debruça-se sobre a problemática da autonomia do arquipélago.

Os Açores constituem, de facto, um tópico privilegiado nas páginas da presente coletânea, veri-

1 Todas as citações são dos ensaios inseridos na obra em apreço, organizada por Susana L. M. Antunes.

ficando-se deste modo a sua máxima importância na geografia física, humana e afetiva da literatura portuguesa. Trata-se de ensaios da autoria de Luci Ruas, Ida Alves/Nathália Primo, Maria Otilia Pereira Lage, Urbano Bettencourt, Paula Cotter Cabral e Lúcia Santos/Avelino Santos. No ensaio “Ilhas desconhecidas, ilhas (re)descobertas: ao encontro de Raul Brandão”, Luci Ruas debruça-se, cuidadosamente, sobre um dos mais famosos livros de viagens na literatura portuguesa, *As ilhas desconhecidas* (1926), de Raul Brandão, centrando-se na problemática da *imagem* (conforme Didi-Huberman, 2012), visto que é precisamente o trabalho com a imagem que convida a uma invulgar fruição sensorial da obra brandoniana por parte do leitor. Neste terreno imagístico, a ensaísta destaca a imagem “constituída por elementos trágicos, associados à ideia de morte, de mistério, de fantasmagoria, que associam as ilhas a antigas imagens que habitam o seu universo mítico” (Ruas 2021: 25). Consequentemente, o espaço dos Açores adquire uma dimensão “fantástica, marcada pelo insólito” (Ruas 2021: 25). A estética crepuscular pode ainda provocar, de acordo com a ensaísta, “o *locus terrificus*, herança do romantismo, tantas vezes evocado pelo decadentismo finissecular” (2021: 25). De um modo diferente procede, na análise do mesmo livro, Maria Otilia Pereira Lage que, no ensaio intitulado “*As ilhas desconhecidas* de Raul Brandão: vozes comunicantes”, aplica os conceitos de cronótopo e dialogismo de Mikhail Bakhtin numa “abordagem dialógica à ilha do Pico” (Lage 2021: 169), identificando os cronótopos de “paisagem mineral vulcânica”, da “cultura da vinha e fabrico do vinho”, de “*tempo assombrado pela eternidade*”, da “festa popular de S. Marcos” e de “caça à baleia” (Lage 2021: 173–176).

Outros aspetos açorianos destacam-se nos ensaios que versam sobre a poesia. O ensaio “*Bellis azorica*: as lições das ilhas”, de Ida Alves e Nathália Primo, aborda o livro *Bellis azorica* (1999) de João Miguel Fernandes Jorge, em que, conforme as ensaístas, se “mesclam espaços referenciais,

claramente determinados, anotações históricas, detalhes de obras artísticas visitadas em capelas ou fortes ou museus e a gente comum” (2021: 56). O espaço dos Açores, poeticamente transfigurado, constitui também o cerne da coletânea *A ilha e o mundo* (1952) de Pedro da Silveira, analisada por Urbano Bettencourt no ensaio “Da ilha-prisão às ilhas visitadas na poesia de Pedro da Silveira”. Apesar de certas similitudes, como é por exemplo a isotopia da grandeza da natureza, verificada independentemente pelos ensaístas nos dois discursos poéticos, nomeadamente em referência ao espaço da Fajã Grande na Ilha das Flores, convém destacar que Ida Alves e Nathália Primo acentuam, na poesia de João Miguel Fernandes Jorge, uma ideia de plenitude, mormente como “uma paisagem figurada pelo olhar lírico, em que natureza e cultura se entrecruzam constantemente” (Alves e Primo 2021: 57), enquanto na poesia de Pedro da Silveira, Urbano Bettencourt identifica o tópico da “*ilha-prisão*” ou da “*ilha-cativeiro*” como uma vertente sombria da poesia açoriana (e, mais amplamente, insular), imbuída de um *spleen* baudelairiano, cultivado no passado pelo poeta açoriano Roberto de Mesquita (cf. Bettencourt 2021: 292).

Nos restantes dois ensaios focados no espaço açoriano, Paula Cotter Cabral dedica-se, no ensaio “*Meridiano 28*: uma ‘leitura interdita’ da insula em tempo de guerra”, à análise do romance *Meridiano 28* (2018) de Joel Neto, enquanto Lúcia Santos e Avelino Santos, no texto “O horizonte feminino na memória da ilha: tradição vs. mudança”, abordam o condicionamento feminino na sociedade açoriana do início do século XX. Embora se trate de ensaios com diferentes objetivos, há um aspeto em comum que consiste na perspetivação do contexto histórico-social açoriano, apoiado no levantamento de material factográfico.

Outras ilhas, inspiradas na topografia real, que simultaneamente funcionam como metáforas e símbolos, constituem objeto de análise da maioria dos ensaios inseridos na obra em apreço. Vários espaços insulares, pertencentes a diversos mares e

continentes, são abordados nos trabalhos recolhidos, começando por Córsega, passando pela Ilha de Moçambique e acabando em Timor-Leste. Consequentemente, o levantamento de espaços e de suas abordagens pode ser só brevíssimo, a fim de ilustrar a riqueza e variedade de assuntos que, na verdade, superam as expectativas.

A começar, de facto, pela Córsega, no ensaio “Cartografia insular pós-humana em *Dois rios*, de Tatiana Salem Levy”, Cecília Paiva Ximenes Rodrigues, inspirada nas correntes de pós-humanismo, analisa o romance da ficcionista brasileira, realçando o papel do espaço insular (Córsega, *Dois rios*) e do seu simbolismo, relacionado com os maiores tópicos da narrativa: desejo, liberdade e relação com a natureza. Uma outra Córsega, transfigurada e mitificada, revela-se ainda no ensaio “O génio e a ilha: uma leitura transcultural de ‘As duas ilhas’ de Castro Alves”, escrito por Giovanna Gobbi Alves Araújo, em que é oferecida uma análise do poema castroalvino “As duas ilhas” (1865) em conexão com o poema “Le deux îles” (1825), de Victor Hugo, que servira de inspiração a Castro Alves e que foi dedicado ao Imperador Napoleão I. As duas ilhas, indicadas no título do poema, correspondem a Córsega e a Santa Helena, berço e túmulo de Bonaparte. No poema de Castro Alves, contudo, como é referido no ensaio, sobressai também a própria figura de Hugo, de modo que Córsega se transmuta em Jersey, ilha anglo-normanda, lugar de exílio de Hugo (cf. Araújo 2021: 393–394). Consequentemente, as duas ilhas de Castro Alves são mitificadas e “antropomorfizadas em sentinelas colossais de granito que testemunham, à distância, os conflitos humanos em curso” (Araújo 2021: 394). Ou seja, são as duas figuras, Victor Hugo e Napoleão, que, ao modo do mítico Adamastor camoniano, se tornam “equiparadas aos rochedos insulares” e, assim, a “colossos míticos” (Araújo 2021: 394).

Ainda na Europa, o arquipélago de Stockholm constitui mais um espaço real que adquire valores simbólicos. No ensaio “The concept of island in film: the case of I. Bergman’s *Summer with Mo-*

nika”, Eduardo Urios-Aparisi analisa ao fundo o filme *Summer with Monika*, demonstrando que o conceito de *ilha* no filme de Bergman corresponde a uma construção com alguns traços básicos e universais (cf. Urios-Aparisi 2021: 244), entre os quais convém realçar a condição de isolamento e o carácter específico de ilha como amálgama de terra e água. Consequentemente, no levantamento de tópicos como o retorno à natureza, erotismo e violência, o ensaísta destaca as metáforas da ilha como paraíso, lugar exótico ou espaço primitivo. Semelhantes aspetos da metaforização do espaço insular revelam-se também no ensaio de Guillem Molla, intitulado “Locus y focus en los mares del sur: los *Paraísos oceánicos* de Aurora Bertrana”, sobre a representação das ilhas de Tahití na obra da autora catalã, em que são analisados os tópicos como o espaço exótico e edénico (regresso ao paraíso adâmico, *beatus ille, locus amoenus*), manchado pelo colonialismo e por certos traços da civilização de comércio (p. ex. a venda de *souvenir* ou a indústria fílmica que faz criar estereótipos). De destacar ainda, no ensaio de Guillem Molla, o modo como Aurora Bertrana reflete sobre a cultura tahitiana, atentando também na representação do povo polinésio.

A ilha como cruzamento de culturas, que alimenta reflexões sobre vários assuntos de índole identitária, corresponde ao objeto de análise nos ensaios sobre as ilhas relacionadas com as navegações portuguesas: Timor-Leste, Coloane, São Tomé e a Ilha de Moçambique. No primeiro caso, trata-se do ensaio “Condição flutuante e insularidade: representações de Timor-Leste na ficção de Luís Cardoso”, de Gonçalo Cordeiro, em que o ensaísta sublinha a “discursivização literária de um sentimento insular que vai para além da condição geográfica” (Cordeiro 2021: 147), destacando, na obra de Luís Cardoso, a presença de um “diálogo entre tradição local e cultura global [...] num trânsito permanente entre a visitaçao do imaginário, a recollecção das memórias e a construção da história” (Cordeiro 2021: 152). Consequentemente, o ensaís-

ta deteta “dois eixos fundamentais” que “estruturaram a representação de Timor-Leste no universo ficcional” de Luís Cardoso: “o tópic do lugar de perdição e a sua configuração enquanto veículo de salvação sob a forma de barco ou de livro” (Cordeiro 2021: 153).

A seguir, no ensaio “Os *Dores*, de Henrique de Senna Fernandes: uma narrativa insular entre o ostracismo e a integração”, Mônica Simas reflete sobre a condição geográfico-identitária da ilha de Coloane, em especial no que se refere à definição das fronteiras da RAEM, relacionando este assunto com o perfil identitário e social das personagens. A este respeito, Mônica Simas afirma que “tal como em outras narrativas de Henrique de Senna Fernandes, em que a experiência do espaço atravessa o percurso das personagens, nesta obra, que ficou inacabada, a protagonista parece associar-se ao *topos marginal* relacionado à ilha” (Simas 2021: 343). Uma relação de impacto emocional entre o espaço e as personagens desvela-se igualmente no ensaio “Mistério e resistência n’A *Ilha de Izunari*, de Olin da Beja”, de Susana L. M. Antunes, que é também a organizadora do livro. A ensaísta, inspirada pelas ideias da ecocrítica e, mais amplamente, pelos estudos da natureza/paisagem na literatura, reflete sobre a “geografia sentimental experienciada num espaço ilhéu” (Antunes 2021: 264) na prosa de Olin da Beja e, ao aprofundar esta via de pensamento, analisa a “ideia de mistério e de resistência que envolve a ilha como espaço físico natural e os que nela habitam” (Antunes 2021: 264).

No último caso, trata-se do ensaio “Sobre as ilhas (des)afortunadas de Jorge de Sena”, de Gilda Santos, em que a ensaísta parte da reflexão sobre o tópic da ilha nos contos e na poesia de Jorge de Sena, desenvolvendo, a seguir, e com a devida atenção, a análise de dois poemas senianos, nos quais o tópic da ilha se torna fulcral: “Em Creta com o Minotauro” e “Camões na Ilha de Moçambique”. É nestas duas ilhas, como se percebe do ensaio de Gilda Santos, que o poeta encontra Camões, “mas não na sua faceta de épico glorioso e sim como

o poeta capaz de atingir as profundezas do humano e fazê-las ressoar vivas e verdadeiras em qualquer tempo” (Santos 2021: 318).

Fazendo uma ponte topológico-imaginária, convém referir que é também nos mares de Camões e Pessoa (e não só), onde navega a palavra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen, amiga de Jorge de Sena. No ensaio “Sophia, a cronista ‘visionária do visível’”, Maria da Conceição Oliveira Guimarães analisa a coletânea *Navegações*, inspirada, como a ensaísta explica, pela viagem da autora ao Oriente em 1977. Entre outros assuntos, a ensaísta detém-se em diálogos e cruzamentos de vozes poéticas, não perdendo de vista as imagens de ilhas visíveis e iluminadas por uma peregrinação interior.

Outros aspetos do tópic da ilha prendem-se à sua abordagem enquanto lugar imaginário. Ao ser verdade que cada espaço esteticamente tratado é já um lugar transfigurado, a criação de lugares sem referentes na realidade extra-literária amplia o espetro de universos ficcionais/mundos possíveis, dotados também de uma forte tendência à metaforização e simbolização de elementos espaciais. Já no *Dicionário de lugares imaginários* (1980), Alberto Manguel e Gianni Guadalupi mostraram a produtividade e riqueza desta vertente literária, tendo ilustrado o tópic da ilha por vários registos referentes a obras de diversas proveniências e correntes histórico-literárias. Alguns ensaios recolhidos na coletânea em apreço, de facto, enriquecem estas cartografias insulares míticas e imaginárias através de uma concentração frutuosa em imagens de ilhas, que demonstram o grande poder criativo dos autores das obras analisadas. Convém referir, em primeiro lugar, o ensaio “*Viagem à Ilha de Satanás*, um conto em três tempos de José Cardoso Pires”, de Marcelo Pacheco Soares, sobre a ilha que surge no caminho marítimo às personagens do conto e “que é, como tudo indica, uma referência mitológica” (Soares 2021: 89). No texto, de grande rigor analítico, o ensaísta desvenda, de facto, vários significados metafóricos e simbólicos da ilha cardosiana, prestando muita atenção às questões relacionadas

com o contexto histórico-político da história narrada (a ditadura vigente em Portugal nos fins dos anos 60 do século XX, o conservadorismo tradicional rural e religioso etc.). Nesta perspectiva, analisa também o papel do feminino (em especial os temas do erotismo, da mitificação da mulher e da pulsão libertária). A inscrição da ilha no signo de *Satanás*, no entanto, não leva à sua maldição e demonização porque, de acordo com o ensaísta, “não é como lugar de terror simplesmente que nos surge a ilha, mas espaço de revolução” (Soares 2021: 108).

No ensaio “A ilha como dispositivo literário em *The lighthouse*, de P. D. James”, Marcelo Tadeu Schincariol parte da reflexão sobre o papel do espaço insular na ficção policial para, a seguir, abordar Combe Island, ilha imaginária na costa da Cornualha. Na sua análise, o ensaísta elucida, entre outros assuntos, o caráter da ilha, seu poder de mistério e “mecanismo por meio do qual Combe Island se esquece dos horrores do passado” (Schincariol 201: 232). O espaço britânico constitui o foco de atenção também no ensaio de Sandra I. Sousa, intitulado “Ilhas, mares e continentes em *In dependence* de Sarah Ladipo Manyika”. Neste caso, apesar de o espaço corresponder, de facto, topograficamente, a uma ilha (a Inglaterra), a ensaísta interessa-se pelo conceito da ilha como “uma metáfora tanto de enclausuramento, de tradicionalismo e sedimentação de mentalidades, como de abertura a novos contextos sociais, políticos e pessoais” (Sousa 2021: 480). Além disso, refere-se ainda à ilha enquanto espaço de sonho e, no sentido extra-literário, enquanto espaço de diáspora.

Por fim, a coletânea apresenta também ensaios que exploram as imagens distópicas da ilha. Com efeito, a ilha como distopia, ou um certo tipo de

heterotopia, leva sempre à questionação e crítica de vários aspetos problemáticos e pungentes da vida social. A sua importância é também comprovada, no livro, pelos ensaios que se debruçam sobre os textos literários, em que a ilha, real ou metafórica, corresponde não só a um espaço isolado e fechado, mas mesmo carcereiro. Assim, no ensaio “As ilhas prisões, as prisões das ilhas: algumas reflexões sobre o símbolo da ilha-cárcere e a noção da ilha encarcerada em *Sobreviver em Tarrafal de Santiago* de António Jacinto, *Manual para amantes desesperados* de Ana Paula Tavares e *Ilhas* de Sophia de Mello Breyner Andresen”, Robert Simon reflete sobre o tópico da ilha na poesia dos autores analisados do ponto de vista ‘socioestético’. A seguir, Giseli Tordin, no ensaio “Ilhas de lucidez nas obras de Stela do Patrocínio e Maura Lopes Cançado”, aborda o tópico de manicómio como lugar “mais emblemático de silenciamento dos oprimidos e, em particular, da voz feminina” (Tordin, 403), concentrando-se na expressão artística como uma forma da resistência feminina. Por fim, Frans Weiser, no ensaio “A repeating island: Ivan Ângelo’s *A Casa de vidro* as postmodern penal colony”, oferece uma intrigante e rigorosa análise das relações entre *A Casa de vidro* (1979) de Ângelo e o conto “In der Strafkolonie” (escrito em 1914 e publicado em 1919) de Franz Kafka, analisando o potencial metafórico do tópico da ilha nas obras em apreço, e refletindo, em especial, sobre os mecanismos do poder.

Em suma, o presente livro, organizado por Susana L. M. Antunes, abre um caminho muito promissor e notável nos estudos interdisciplinares e, devido à sua importância para a pesquisa na área da literatura comparada, tornar-se-á, sem dúvida, uma obra de referência.



This work can be used in accordance with the Creative Commons BY-SA 4.0 International license terms and conditions (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>). This does not apply to works or elements (such as images or photographs) that are used in the work under a contractual license or exception or limitation to relevant rights.